

# “Há espaço para uma negociação plurianual”

por Ângela Bittencourt  
de São Paulo

**N**a renegociação da dívida brasileira para 1985 há ambiente propício para que o Brasil exclua parte dos juros e prolongue os pagamentos por um tempo maior. A esta conclusão chegou Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), que fez um relato de seu encontro com representantes da comunidade econômico-financeira norte-americana durante almoço na Câmara Americana de Comércio para o Brasil.

Bueno Vidigal observou que não acredita em juros privilegiados para o Brasil, mas que os “banqueiros norte-americanos mostraram-se muito satisfeitos com os resultados da economia brasileira”. Segundo ele, a comunidade empresarial dos Estados Unidos também “reconhece a necessidade de que se chegue a uma negociação

plurianual da dívida externa brasileira com condições que permitam maior crescimento econômico”.

O presidente da FIESP enfatizou a necessidade de crescimento da economia. “Para não agravar o quadro social, a economia brasileira precisa crescer no mínimo 7%. Segundo ele o nível dos juros não deve constituir um impedimento para isto. Vidigal acredita na possibilidade de os bancos privados firmarem um acordo com o Banco Central visando à redução dos juros na ponta da captação de recursos, com a consequente queda no custo dos empréstimos.

## SUCESSÃO

Falando sobre a sucessão presidencial, Bueno Vidigal não acredita que a política brasileira a nível internacional sofreria qualquer alteração, seja qual for o próximo presidente: Paulo Maluf ou Tancredo Neves. Não se prendendo a detalhes, porém, Bueno Vidigal observou que internamente qualquer um dos dois candidatos fará mudanças.

Especificamente sobre os dois candidatos, Bueno Vidigal disse que não há diferença entre eles. Referindo-se a Tancredo Neves, Vidigal disse: “Com 74 anos de idade ninguém está mais preocupado em mudar o que pensa. Maluf a mesma coisa. Não vai deixar de ser um defensor da livre iniciativa, pois é um grande empresário. Seja eleito um ou outro não vejo ameaça ao sistema da livre iniciativa”, concluiu.